

# Uma sociedade mutante frente a um conceito que se quer imutável a história do conceito de literatura e suas implicações na produção atual de textos artísticos

Ânderson Martins Pereira<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo busca discutir o conceito de literatura e sua relação com novas formas de arte textual e novos produtores de arte. Para tal, este trabalho utiliza-se especialmente das contribuições de Scholes (2011), Souza (2011), Reis (2003) e Santaella (2007). Esta proposta justifica-se por contribuir com os estudos acerca da literatura digital e discutir sobre suas implicações no ensino de literatura em sala de aula, visto que a crítica sobre literatura digital tem se destacado nas últimas décadas e tornado disponíveis novas ferramentas para a vivência da arte em sala de aula.

**Palavras-chave:** Literatura digital. Conceito de literatura. Contemporaneidade.

## A MUTANT SOCIETY AGAINST A CONCEPT THAT IS WANTED AS IMMUTABLE: THE HISTORY OF THE LITERATURE CONCEPT AND ITS IMPLICATIONS IN THE CURRENT PRODUCTION OF ARTISTIC TEXTS

## Abstract

The present paper aims to discuss the concept of literature and its relations with new forms of textual art. For such purpose, this article is based on the contributions of Scholes (2011), Souza (2011), Reis (2003) and Santaella (2007). This paper is justified to contribute with the studies about digital literature and discussing its implications in the teaching of literature in the classroom, since the critique on digital literature has stood out in the last decades and made available new tools for the experience of the art in the classroom.

**Keywords:** Digital literature. Concept of literature. Contemporaneity.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Literários e tradução nas Literaturas Estrangeiras Modernas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail andersonmartinsp@gmail.com

## Palavras iniciais

Vive-se em um mundo de constantes modificações tecnológicas, em decorrência disso, a revolução comunicativa que é sentida nas vidas cotidianas é cada vez aguda. As tecnologias da informação se renovam, reconstroem e adaptam a novos aparelhos que estão cada vez mais imbricados a nosso cotidiano e faz quase parte da nossa estrutura física, visto sua necessidade e mobilidade. Ainda que grande parte da experiência textual dos indivíduos contemporâneos tenha sido transposta e se adaptada ao meio digital, percebe-se uma resistência da literatura à adaptação de si mesma neste meio. Este artigo pretende discorrer sobre o conceito de literatura, buscando compor um histórico deste ideal cambiante que se refere a textos artísticos, questionando como esse se adapta ou não as novas formas de arte que florem nas mídias digitais e quais os ganhos em acréscimos de textos tidos hoje como “marginais” sobre um conceito mais inclusivo, tendo em vista que o sujeito contemporâneo tem facilidade não apenas no acesso à informação, mas também na produção de textos. Desta forma, este trabalho tangência também a questão do ensino de literatura, visto que discorre sobre os problemas resultantes da ideia de literatura nos meios digitais.

Para entender como o conceito de literatura opera no presente é necessário entender seu passado e como ele se constrói. O conceito, hoje visto por muitos como fixo e imutável, tem suas raízes na expressão *humaniores litterae*, esse surgiu no latim medieval e foi vigente até o século XVII. Foi a primeira palavra para designar textos que posteriormente iriam pertencer ao nicho da literatura (SOUZA, 2006). Esta expressão englobava os textos profanos como contraponto aos textos divinos, ou seja, designava os textos menores, frutos do homem em oposição aos textos sacros (*divina litteratura*).

Após, aparece então a expressão *Litterae humanae*, que começa a ser utilizada desde a Idade Média. Este termo que seguia, primeiramente, a oposição entre textos humanos e divinos, mas acabou se consolidando na tradição aristotélica medieval, criando uma segmentação dos saberes. Para eles, a ciência divina opunha-se às humanas, porém esta divisão afetava também a filosofia que se dividiu entre filosofia das coisas humanas e metafísica. A separação entre ciência e literatura ainda não havia sido feita, porém em virtude das já aludidas ciências humanas e ciências divinas, esta separação começava a ficar mais clara e este conceito carrega de certa forma este “entre-lugar”. (SOUZA, 2006)

Convém, porém assinalar de saída que se trata de um empreendimento moderno a separação entre essas duas esferas, cuja vigência se esboça apenas na passagem do século XVI para o XVII, reforçando-se no XVIII e consolidando-se somente no curso do século (ibidem, p.13).

*Lettres humaines* é um termo utilizado concomitantemente ao termo *litterae humanae*. Ele é cunhado no século XVI, porém a distinção opositiva dá-se entre textos da imaginação e textos científicos.

O termo *Bonnes Lettres* também tem como herança a distinção entre textos humanos opondo-se aos textos divinos, mas se revitaliza pelo imagético de que os textos humanos são bons e não apenas *male litterae* como eram descritos pelo codinome letras profanas por volta do século IV. É parte da expressão *Bonnes Lettres* a ideia de que “oculto das letras é bom ‘sob’ os aspectos didático, intelectual, linguístico, moral, e epicurista” (ibidem, p. 4).

A expressão que substitui o lugar da *bones Leteres* é *belles-letres*. Com origem no século XVII, cunha um novo sentido de cuidado estético, uma preocupação com o belo. Segundo Souza (ibidem) pode-se pensar na evolução dos adjetivos

de humanas e boas para as belas, enfatizando assim um comprometimento com a retórica e a supervalorização da elocução em detrimento da pureza, clareza, correção e boa colocação. Esse termo se relaciona ao termo *beaux-arts* por sua similaridade em diversos aspectos. É o termo *belas-artes* que inaugura um novo princípio na classificação das artes, transcendendo a distinção entre arte mecânica e arte intelectual, dando ênfase ao atributo do belo.

[...] o critério teológico-ético que fundamentou partilhas anteriores – *humaniores litterae, litterae humane*, Letras humanas, letras divinas, boas letras – se retrai em favor de um critério estético, que passa a distinguir de maneira cada vez mais nítida entre as letras consideradas *belas* (em que prevalece o ornato assimilado a beleza e sensibilidade, ou, em termos propriamente estéticos, um ideal de beleza formal destinada à contemplação desinteressada) e as letras que poderíamos chamar filosóficas ou científicas sem que predomine a clareza entendida como apanágio da razão objetiva, bem como um senso pragmático ou utilitarista). (ibidem, p. 11).

Este ideal de beleza faz irromper ao conceito de belas-artes, porém, mesmo tendo em mente que esta ideia só se torna possível através da ideia de belo de *belas-letras*, o termo *belas-artes* se caracteriza com força apenas um século depois do vigor de *belas-letras*. A ideia de *belas-artes* é importante para a discussão da literatura visto que o termo traz em si a oposição de beleza da natureza e beleza artística, traçando assim uma nova perspectiva para as artes em geral. O conceito se amplia dos campos da gramática e retórica assimilando a música e também artes consideradas até então menores, dentre elas pode-se citar: a pintura, a escultura, a arquitetura e a dança.

Por fim, surge o conceito de literatura que começa a vigorar no século XVIII e se espalha para vários idiomas no Século XIX. Inicialmente, ele caracteriza as letras artísticas em oposição às filosóficas e científicas. O vocábulo literatura, mesmo tendo sua aplicação inovada, é na realidade

uma reciclagem do latim, representando vários escritos. Este começa amplo, em virtude da ideia de humanidades, abrangendo a escrita em geral e afunila-se ao fazer correspondência a apenas textos não científicos. Por fim, emancipam-se a filosofia e as ciências do espírito, ficando o campo da literatura reservado aos gêneros lírico, narrativo e dramático. “O sentido contemporâneo da palavra delinea-se pela tendência à especialização dos discursos observável pelo menos desde o século XVII e consumada ao longo dos séculos XVIII e XIX”. (ibidem, 30).

Como foi possível observar, várias nomenclaturas referiram-se a textos artísticos, tendo inerentes a si critérios distintos. Na citação acima, pode-se inferir que mesmo o conceito de literatura evoluiu com o passar dos anos, adaptando-se aos escritos e as noções de cânone da época. Todavia, o termo literatura fora responsável por reunir escritos de diferentes eras sob a alcunha literária de uma maneira não vista anteriormente. Para tal feito, fora necessário trazer clara consigo a noção de cânone, estabelecendo noções de valor de forma comparativa.

Então, nós temos que de alguma forma colocá-los em relação um com o outro e o jeito de fazer isso ajudará a determinar nossa atitude com o passado. O cânone, como valor predeterminado, da forma ao passado e o disponibiliza para o acesso da humanidade nos tempos modernos. (WALDER, 1990, p. 20; nossa tradução)<sup>2</sup>.

Ainda que o cânone funcione como um mecanismo que resguarda e protege a literatura enquanto conceito, o mesmo possui intrínsecos a si critérios que não se adaptaram às novas formas contemporâneas de expressão de arte. Existe assim um congelamento ou uma tentativa de estagnação do que se entende por literatura. Este processo

2 Do original: “So we have somehow to place them in relation to one another; and the way we do that will help to determine our attitude to the past. The Canon, in predetermining value, shapes the past and makes it humanly available, accessibly modern” (WALDER, 1990, p. 20)

é similar ao processo legitimador do conceito de literatura, sobre o qual Carlos Reis pontua que “trata-se de uma época em que o escritor assume a condição institucional da literatura em sintonia com uma consciência crítica e autocrítica que não raro fez das arcádias espaços literários fechados sobre si mesmos” (REIS, 2003, p.27). Sobre este tema, Antonio Compagnon (2001) questiona este processo e a definição de cânone, colocando-a como produto social. É necessário, segundo o autor, olhar para os antigos no olhar de agora. Neste viés, não é cabível olhar para o novo com o olhar do antes. É necessária a reflexão de literatura no pós-moderno.

Em vista de a literatura ser um produto social é impensável resfriá-la em critérios estanques, visto que estes critérios devem ser revistos concomitantemente às novas formas de produção. Marisa Lajolo reconhece esse caráter mutante da literatura. Porém, em um viés otimista assume que este processo de reivindicação e modificação ocorre sempre e ocorrerá no futuro. Ainda assim, após numerosas e significativas mudanças, cada vez mais o que é produzido, a nível artístico, está sendo posto a parte da literatura e de seu cânone.

“Quando surgem novos tipos de poemas, de romances e de contos e outras multidões de leitores entram em cena, aquela livralhada toda passa a ser lida de forma diferente. Os novos leitores piscam os olhos e limpam os óculos, engatam discussões, formulam novas teorias, propõem novos conceitos até que a poeira assenta para, de novo, levantar-se em nuvem tempos depois.” (LAJOLO, 2001).

A sociedade contemporânea é produto de várias mudanças de ordem comunicativa, que revolucionaram a forma como nos relacionamos com o mundo e também com a arte. Sobre este aspecto Compagnon (2001) enfatiza a importância da sociedade para a literatura e transcende a questão, já que denuncia que os estudos acerca do tema têm o viés no passado não fazem parte dela. Contudo, mesmo a sociedade sendo, de fato, de suma

importância para a perspectiva de literatura e seus estudos, a carga semântica em torno do conceito não dá conta das especificidades das produções da contemporaneidade.

Tudo o que se pode dizer de um texto literário não pertence, pois, ao estudo literário. O contexto pertinente para o estudo literário de um texto literário não é o contexto de origem desse texto, mas a sociedade que faz dele um uso literário, separando-o de um contexto de origem. Assim, a crítica biográfica ou sociológica, ou a que explica a obra pela tradição literária (Sainte-Beuve, Taine, Brunetière), todas elas variantes da crítica histórica, podem ser consideradas exteriores à literatura. (COMPAGNON, 2001, p. 45).

A noção de literatura está hoje longe do que o aluno produz e da forma como produz. Este problema se agrava, quando pensamos na literatura em nível de ensino. Neste âmbito, ainda que existem várias diretrizes que buscam aproximar a literatura do aluno e aportes teóricos como o de Rildo Cosson (2006) - que fala sobre maneira na produção e na recepção das obras de uma maneira mais ativa -, a literatura ainda está, de modo geral, muito mais preocupada com questões de produto do que efetivamente no processo de escrita; as obras canônicas trazem consigo a ideia de inatingibilidade. Assim, os alunos são levados a crer que não conseguem produzir algo assim e estes se desestimulam por não poder produzir estes textos.

Deste modo, a literatura, em particular quando associada à didática da língua, participa, por uma espécie de *relação metonímica* ou efeito de contiguidade, numa dinâmica institucional que é inerente, antes de mais, ao sistema de ensino em que ela se integra e aos propósitos pedagógicos e ideológicos que esse sistema de ensino transporta consigo. Esta questão relaciona-se, como facilmente se vê, com uma outra, diretamente envolvida na análise da *dimensão sociocultural* do fenômeno literário: trata-se da questão do cânone. (REIS, 2003, p. 38) [grifo no original].

Outro ponto é que, em muitos casos, o aluno não aprende a produzir textos em diferentes gêneros literários, visto que está intrínseco na visão de muitos professores, a qual será passada ao aluno,

que o estudante não conseguirá fazer um texto bom o suficiente para ser considerado literatura. A literatura está em ponto distante, encontra-se distante do aluno, da sociedade pós-moderna e das novas formas de comunicação. Uma reaproximação é necessária.

### Para onde vamos?

Como observamos, vários contextos foram utilizados para nominar textos artísticos até a ideia de literatura tal qual é hoje. Mesmo o conceito de literatura não se referiu ao mesmo corpus ao qual se refere nos dias de hoje. Em virtude de a literatura ser um produto cultural, essa mudança deve ser esperada e bem-vinda. No século XXI, que recebeu de herança várias inovações tecnológicas que revolucionaram as formas de comunicação, o conceito de literatura é desafiado.

Por esta necessidade de repensar a abrangência dos conceitos de literatura, bem como refletir sobre sua eficiência nas salas de aula contemporâneas, este trabalho busca apresentar teorias que desafiam o conceito tradicional de literatura. Contudo, é necessário para tal discussão inquirir, primeiramente, qual é a nossa sociedade contemporânea e como esta se comunica, cria e produz arte.

Deve-se observar que assim como o conceito de literatura muda ao longo dos séculos, a noção de tempo também não é imutável para as sociedades. Mídias digitais invadem não apenas as telas dos monitores de computadores de mesa, mas têm se tornado cada vez mais móveis, para atender à necessidade de se estar conectado e fazer parte do universo digital.

Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo nesse momento, o momento de modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas

individualmente, de um lado, e as ações políticas de vida conduzidas individualmente, de outro. (BAUMAN, 2001, p. 12).

Bauman (2001) define a contemporaneidade como modernidade líquida. No excerto acima se pode apreender a necessidade pós-moderna de rápidas mudanças. Para atender essa necessidade “líquida” de constante transformação necessitamos de veículos de comunicação cada vez mais ágeis e de informações cada vez mais rápidas. Urge estarmos *Always on* - assim denomina Lucia Santaella (2010) a geração que nasceu sob a luz das mídias digitais.

Neste viés, é necessário entender que o computador é hoje utilizado cada vez mais como ferramenta universal, agregando em si não só simultaneidade de acesso ao conteúdo, mas outros facilitadores para sua própria produção e compartilhamento. O meio digital propicia não só uma explosão de redes sociais, mas é um poderoso mediador de criação de conteúdo não só textual, mas também visual, de áudio e de vídeo. Propiciando, ainda, linguagens novas e uma maior abrangência de gêneros multimodais.

Vários estudos foram feitos acerca do aproveitamento de gêneros digitais, não apenas pela necessidade contemporânea de letramento e uso, mas para ganhos transversais. Pode-se citar Marcelo Urresti (2008), que discorre estritamente sobre a cultura juvenil, e Joan Ferrés Prats (2008), que se restringe à escola e ao ganho dos participantes com um trabalho que preveja as novas mídias. Urresti sinaliza gerações que têm como herança o universo digital, para as quais o computador é um elemento cotidiano. As relações se dão também pela internet e esta geração utiliza-se da ferramenta para uma infinidade de coisas e irá agregar ainda mais funções a seu uso no futuro. Segundo Scholes, precisamos abrir a mente para encontrar literariedade em outros grupos de textos e gêneros textuais. O olhar neste sentido é mais importante do que a noção

estaque de gêneros ou de regras pré-formuladas quanto à forma.

Esta é a causa por trás de eu e algumas pessoas que se juntaram a mim para produzir estes tipos de livro-texto, rejeitarmos a limitada noção que nega a tudo chamado literatura um lugar no mundo de trabalho e eventos públicos juntamente com a outra noção que restringe literatura a poesia, drama e ficção. (SCHOLEs, 2011, p.24; tradução nossa)<sup>3</sup>.

Kress argumenta que é da própria natureza comunicativa humana a multimodalidade e que é natural utilizarmos-nos de várias formas de linguagem para obtenção do sentido. No livro *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary* ele faz um apanhado social buscando inúmeros exemplos que reforçam a ideia de multimodalidade não como algo novo, mas como algo natural que faz parte da nossa forma de comunicação cotidiana, que vai além da comunicação interindividual perpassando a criação de signos.

A comunicação é multimodal: por discursos algumas vezes, como comentários falados, como instrução ou solicitação; pelo olhar, pelo toque e por ações como pelo toque, passar um instrumento. A todo tempo comunicação é uma resposta a uma solicitação: Um olhar pode produzir um comentário falado que levará a uma ação (KRESS, 2010, p. 32; tradução nossa)<sup>4</sup>.

Este juízo vai ao encontro da ideia de que “As novas comunicações não são pontes entre o homem e a natureza: são a natureza.” (MCLUHAN, 1971, p. 247), na medida em que a multimodalidade é uma característica marcante das novas mídias. Este apotegma formulado por McLuhan, antes do advento do computador, não

3 Do original: “This is why I, and the sort of people who have joined me in producing such textbooks, reject the narrow notion that would deny to anything called literature a place in the world of work and public events, along with the other notion that restricts literature to poetry, drama, and fiction.” (SCHOLEs, 2011, p.24)

4 Do original: “Communication is multimodal: by speech at times, as spoken comment, as instruction or request; by gaze; by actions –passing an instrument, reaching out an instrument, by touch. At all times communication is a response to a ‘prompt’: a gaze might produce a spoken comment; that leads to an action” (KRESS, 2010, p. 32)

parece estranho à sociedade atual, pensando no nicho tecnológico que revolucionara os anos 60. O cinema e o rádio são tecnologias que, segundo o teórico, se aproximam aos cinco sentidos. Kress (2010) abarca a multimodalidade, que está hoje tão em voga na linguagem das novas mídias, como também natureza, natureza comunicativa.

A questão é de que modo o conhecimento canônico deveria ser representado: Se com imagem (como diagrama, por exemplo) ou escrito (com um relatório). Ou, o que deveria contar como conhecimento oficial. Agora esses quadros tem virtualmente desaparecido em muitos domínios, incluído o da educação formal. (KRESS, 2010, p. 25; tradução nossa)<sup>5</sup>.

Como dito, a partir das novas tecnologias a noção de multimodalidade se torna mais elucidativa, visto que o computador possibilita não só a ocorrência de várias linguagens, mas a aglutinação das mesmas pra o efeito colaborativo de significado. Assim, se entende que não é possível pensar na escrita como soberana a outras linguagens ou descartar semioses, nas quais exista uma “mistura” de linguagens, da noção de literatura.

A cultura oficial ainda luta por forçar as novas comunicações a realizarem o trabalho dos antigos meios de comunicação. Mas o veículo sem cavalos não faz o trabalho do cavalo; aboliu o cavalo e faz o que este nunca poderia fazer. Os cavalos são admiráveis; os livros também. (MCLUHAN, 1971, p.220)

Nessa passagem acima McLuhan não se refere aos meios digitais contemporâneos, mas a mídias como a televisão e o cinema, visto que o texto fora publicado antes mesmo da criação do computador pessoal (PC) como o conhecemos. Contudo, fala de algo atual que é a relação da “cultura oficial” com estas novas tecnologias. Isso é fundamental para chegarmos ao objetivo deste trabalho. Assim como McLuhan já pontuava,

5 Do original: “The question in what mode canonical knowledge should be represented: whether as image (as diagram, for example) or in writing (as report, for example), or, what should count as official knowledge. Now these frames have virtually disappeared in many domains, including in the domain of formal education” (KRESS, 2010, p. 25)

muitos livros e textos foram digitalizados e colocados para o universo digital, sem acréscimos a sua função. Por mais que McLuhan seja conhecido também pela celebre frase “O meio é a mensagem” (MCLUHAN, 2006, p.21), sendo assim inegável a modificação de significados na conversão entre essas tecnologias, o meio digital nos oferece muito mais do que pdfs e epubS (arquivos geralmente utilizados para leitura em *e-readers*), meio este que oferece uma infinidade de plataformas, softwares e ferramentas, criando assim múltiplas formas de comunicação, que envolve entre outras coisas o compartilhamento e a mobilidade.

[u]ma confiança cega no papel mediador da tecnologia leva ao fetichismo (...) no mundo acadêmico, este fetichismo se traduz na convicção, mais ou menos explícita, de que basta que uma mensagem passe a ser vinculada por uma tecnologia para que se converta em eficaz. As tecnologias constituiriam a oportunidade que nos brindam os novos tempos para recuperar de maneira quase automática o interesse dos alunos e alunas pela aprendizagem. (PRATS, 2008, p. 29; nossa tradução)<sup>6</sup>.

Na citação acima podemos perceber outro ponto da história. Não existe somente o professor que evita utilizar o computador, mas aquele que, entendendo que novas tecnologias são elementos motivadores por si, acaba utilizando a ferramenta sem pensar efetivamente em atividades com propósito. O computador não é garantia de uma aula bem-sucedida, mas sim uma ferramenta possível, atual, que pode sim, melhorar bastante a forma com a qual o aluno se relaciona com determinados assuntos. No entanto, como ferramenta precisa-se de alguém ativo por trás da atividade. Para esse guiar pedagógico a procura de novos caminhos é tão necessária ao professor quanto à reflexão do que se está fazendo e por que.

6 Do original: “una confianza ciega en el papel mediador de la tecnología lleva al fetichismo (...) en el mundo académico, este fetichismo se traduce en la convicción, más o menos explícita, de que basta que una mensaje pase a ser vinculado por una tecnología para que se convierta en eficaz. Las tecnologías constituirían la oportunidad que nos brindan los nuevos tiempos para recuperar de manera casi automática el interés de los alumnos y alumnas por el aprendizaje (PRATS, 2008, p. 29)

Para tanto, é necessário entender o que é Nova Mídia. Lev Monovich descreve em seu livro intitulado *The language of New Media* apresenta alguns traços característicos da nova mídia, são eles: representação binária, modularidade, automação, variabilidade e transcodificação. Representação binária diz respeito a ter códigos binários, ou seja, a nova mídia deve ser traduzida em zeros e uns formando assim fileiras de informação *bites*. O autor considera também dentro deste princípio a manipulação, dizendo que assim a mídia se torna programável. O princípio da modularidade é um pouco complicado, pois sugere uma independência das informações de forma interdependente. Assim, a melhor forma de apreensão é por meio de exemplos. Podemos exemplificá-los como um vídeo no PowerPoint ou até mesmo uma página *html* na internet. Temos nestes casos informações independentes, como uma imagem ou o vídeo convergindo na presença de um elemento aglutinador com um index, a página ou o PowerPoint. Já o princípio da automação diz respeito às ações que esta mídia é programada a fazer, como um script ou um macro do Excel, que executa determinadas ações de forma automática, a partir de uma pequena ação feita pelo usuário. O princípio da variabilidade diz respeito à capacidade de variação da nova mídia, dizendo que ela não pode ser fixa podendo existir em inúmeras variações, princípio ao qual o autor associa o primeiro e o segundo, fazendo com que por ser programável e modular a nova mídia seja inerentemente mutável e líquida.

Visto que novas mídias são criadas no computador, distribuídas via computadores, salvas e arquivadas em computadores, a lógica do computador pode ser esperada significativamente na lógica cultural tradicional da mídia da mídia. Isto é, podemos esperar que a camada computacional afete a camada cultural. (MONOVICH, 2001, p. 63-64; minha tradução)<sup>7</sup>.

7 Do original: “Since new media is created on computers, distributed via computers, stored and archived on computers, the logic of a computer can be expected to significantly influence on the traditional cultural logic of media. That is, we may expect that the computer layer will affect the cultural

Nos quatro primeiros princípios os conceitos são abrangentes e podemos ter uma ideia bem ampla de o que caracteriza a nova mídia. Porém, no último passo reside, segundo o autor, a característica mais importante para se definir a nova mídia: Transcodificação. Para ele, transcodificar não se trata apenas traduzir velhas mídias em *bites* de computador. É um processo adaptativo, que envolve uma mesclagem de linguagens, um imbricamento entre a semiose do objeto e a possibilidade de semiose do computador.

De forma similar, a nova mídia em geral pode ser pensada como proveniente de duas camadas distintas: A “Camada cultural” e a “camada do computador”. Os exemplos da categoria cultural são enciclopédia e um conto. Estória e enredo compondo um ponto de vista; mimese e catarse, comédia e tragédia. Os exemplos das categorias na camada do computador são processos e pacotes (como em pacotes de dados transmitidos para uma rede de trabalho), classificando e combinando funções e variáveis, uma linguagem de computador e uma estrutura de dados. (MONOVICH, 2001, p. 63; nossa tradução)<sup>8</sup>

Neste sentido, várias mídias digitais não fazem parte das chamadas novas mídias, ou seja, nem tudo que é digitalizado pode ser considerado nova mídia. Como previamente analisado, não podemos mais nos restringir a pensar em literatura apenas como vinculada ao texto escrito. Todavia, cometemos graves restrições ao pensar apenas em literaturas adaptadas para o universo digital, bem como pdfs e similares. Dessa forma, acabamos não só restringindo possibilidades cada vez maiores a este universo como também não fazemos uso profícuo da ferramenta e suas possibilidades.

---

layer. (MONOVICH, 2001, p. 63-64)

<sup>8</sup> Do original: “Similarly, new media in general can be thought of as consisting from two distinct layers: the “cultural layer” and the “computer layer.” The examples of categories on the cultural layer are encyclopedia and a short story; story and plot; composition and point of view; mimesis and catharsis, comedy and tragedy. The examples of categories on the computer layer are process and packet (as in data packets transmitted through the network); sorting and matching; function and variable; a computer language and a data structure.”(MONOVICH, 2001, p. 63)

Voltando ainda à citação primeira de McLuhan, ele destaca um temor às novas tecnologias quando, em sua metáfora, diz que assim como os cavalos os livros são igualmente admiráveis. Isso destaca o receio de os livros sumirem em virtude do computador, ou seja, um temor de que as pessoas deixariam de se interessar pelas grandes obras literárias impressas. Por causa desse medo várias discussões emergem pondo em dúvida o relacionamento social com tecnologias inovadoras. McLuhan diz, contudo, que a despeito do que muitos pensavam o advento das tecnologias que se seguiram, como a tv, o cinema, não eliminaram o livro. Ele sobreviveu à popularização do jornal, à televisão e continua possuindo seu espaço.

De acordo com McLuhan o meio no qual a mensagem é veiculada torna-se parte dela. Neste viés, é inegável que a literatura produzida para o universo digital tenha suas peculiaridades e sua alternância de significados. É necessária, para escandir este ponto, uma introdução ao universo midiático e como este é parte da vida do indivíduo.

Quando a aceleração do mundo industrializado não havia tomado conta da existência humana, era fácil acreditar na estabilidade de nossos limites corporais e sua identidade unitária. (...) de um lado temos de conviver hoje com as feridas narcísicas que as descobertas freudianas provocaram ao diagnosticar as desordens identificatórias que constituem o eu, do qual a imagem corpora, sempre fragmentada, é indissociável. De outro lado, surgiram os avanços da biologia, da engenharia genética, da medicina, as máquinas exploratórias para o diagnóstico médico, a multiplicação crescente e assoberbante de imagens do corpo nas mídias, as simbioses cada vez mais íntimas do corpo com as tecnologias. Agindo conjuntamente, todos estes fatores constituem uma força perturbadora que problematizam sobremaneira as concepções estabilizadoras do corpo e da subjetividade (SANTAELLA, 2007, p. 18).

Na passagem acima Lucia Santaella fala da tecnologia como parte integrante do indivíduo, o qual não mais necessita se manifestar corporalmente porque estas tecnologias propiciariam o apagamento do corpo físico, ou



seja, a relação do indivíduo com as materialidades comunicativas se altera, proporcionando novas experiências comunicacionais. No capítulo intitulado “Subjetividade e identidade no Cyber espaço” Santaella discorre várias possibilidades de leituras identitárias, definições que mudam, mas que se mostram cada vez mais vastas e motivadas por uma modificação na leitura do “eu” através de uma modificação na maneira de como este “eu” se comunica. Assim, discutir identidade na modernidade tem sido cada vez mais debatido, principalmente quando se trata da vivência desta subjetividade em um espaço de novas mídias.

No estágio atual da cultura digital, os espaços são cruzados por torpedos de SMS e MMS que viajam pelos ares de um destino a outro, enquanto, nos seus locais de trabalho, as pessoas recebem conteúdos em Palms. A forma com os habitantes das cidades se comportam em ambientes públicos e privados mudou com o surgimento de celulares que agora também armazenam vídeos. Pastas de mp3 são trocadas no iPod e, nos finais de semana, orientando-se por sinais emitidos por celulares jovens jogam games entre ruas e avenidas com o surgimento dos aparelhos portáteis, textos, imagens e sons tornaram-se ubíquos enquanto os celulares vão ficando cada vez mais turbinados, circulando por todo o canto (SANTAELLA, 2007, p. 134).

É possível que as inovações tecnológicas tenham mais contato com a realidade de sala de aula, todavia essa não é uma ideia de fácil aceitação, pois mesmo que esteja inserida dentro de nossa realidade é uma proposta que pode ampliar a Literatura enquanto instituição, mexendo assim com a estrutura conservadora em voga nos dias de hoje.

Falar da literatura como **instituição**, corresponde inevitavelmente a projetar, sobre o fenômeno literário, conotações (nem todas positivas que envolvem o termo. De fato, a expressão instituição, por exemplo, em **instituição militar**, **instituição religiosa**, ou **instituição universitária**) pode sugerir mentalidade e comportamentos eminentemente estáticos, fortemente hierarquizados e pouco propensos à inovação; por outro lado, também é certo que a feição institucional de certas entidades conferem-lhes solidez histórica, bem como reconhecimento

público, fatores decisivos para a sua afirmação no plano social. E isso acontece com mais razão quando aos atos institucionais é incutida uma feição ritualizada, de reminiscência fundadora e propósito legitimador. (Reis, 2003, p. 25) [grifo no original].

É notável que enquanto pesquisadores, profissionais, estudantes e leitores de uma área, necessitam ter em mente limites que nos permitam conhecer e reconhecer nossa área de atuação. Precisamos nos legitimar, porém estes limites estanques acabam por não preparar a literatura para as inovações tecnológicas que vão além do livro, além do texto impresso, que entram na tela e quebram padrões de interação, na qual antigos paradigmas entre leitor e autor se subvertem.

Pela urgência de se repensar a literatura, Robert Scholes escreve em 2010 o livro *English after de fall: From literature to textuality*, o qual é destinado a uma reflexão sobre o conceito de literatura e a realidade contemporânea. O autor entende que no atual nível de defasagem de objetos deve-se criar um conceito mais abrangente e fidedigno às necessidades do século XXI, para isso propõe o conceito de textualidades.

[...] o que não significa trocar a literatura via rejeição do valor da literariedade ou ignorar os grandes trabalhos que eles amam e honram. Porém, eles precisam expandir seus horizontes, olhar mais de forma mais abrangente para literariedade, e estudar o poder textual e o prazer onde quer que existam (SCHOLES, 2011, prologue XVIII; nossa tradução) <sup>9</sup>.

Para o autor supracitado esse congelamento tem pontos positivos e negativos, todavia atendo-nos ao aspecto da imutabilidade, o qual Reis elenca como negativo, são inegáveis o quão devastadores podem ser seus efeitos, principalmente pensando em um contexto de sala de aula. Esse vai tornando-se um problema cada vez mais sério na realidade

<sup>9</sup> “[...] which not means replacing literature as reject the value of literariness or ignore the great Works that they love and honor. But they need to expand their horizons, to look more widely for literariness, and study textual power and pleasure wherever they exist.” (SCHOLES, 2011, prologue XVIII)

contemporânea. Por exemplo, Zygmunt Bauman chama a contemporaneidade de modernidade líquida e segundo o autor este é um momento de liquefação dos sólidos, ou seja, um momento de esfacelamento de instituições, valores e comunicações para a reconstrução de outras coisas, um momento em que é necessário o desapego e a quebra de fronteiras conceituais.

[...] no novo tipo de guerra na era da modernidade líquida: não a conquista de novo território, mas a destruição das muralhas que impediam o fluxo dos novos e fluidos poderes globais; expulsar da cabeça do inimigo o desejo de formular suas próprias regras abrindo assim o até então inacessível, defendido e protegido espaço para a operação de outros ramos não militares de poder (BAUMAN, 2001, p. 19).

Por isso, a fundamentação teórica que este trabalho apresenta não se restringe a apenas textos impressos, mas engloba outras linguagens em um novo conceito. Entende ser necessária uma revisão do conceito de literário e/ou literatura. Scholes amplia a noção de literatura e apresenta a noção de “textualidade” por entender que a noção de literatura se limita a textos específicos que são incontornáveis e inatingíveis para o aluno, em nível de produção. Segundo Scholes, “outra parte do problema é que a noção de literatura está muito atada ao livro. Assim, isto exclui trabalhos em outras mídias impressas (como livros e jornais) e trabalhos em mídias audiovisuais os quais dominam nossa cultura”. (SCHOLES, 2011, p. 33; nossa tradução)<sup>10</sup>.

O professor de literatura tem, em geral, uma visão da literatura limitada ao cânone e não ao processo de escrita. Deste modo é subliminarmente imposta uma distância entre o aluno e a literatura, visto que sem este processo, é impossível ao aluno produzir uma obra de grande importância como as postas pelo professor. Estes textos estão, em geral,

<sup>10</sup> “Another part of the problem is that our notion of literature is too tightly tied to the book, so that it excludes work in other print media (like magazines or newspapers) and work in the audiovisual media that dominate our culture” (SCHOLES, 2011, p. 33)

longe da realidade dos alunos. Na escola o aluno é introduzido a várias obras que devem ser lidas por sua literariedade e importância, mas o professor não propõe a produção escrita do gênero, pois não vê a escrita literária como processo, mas visa apenas ao cânone, ou seja, o produto já estabelecido. O resultado é que as produções ficam a cargo de gêneros não literários e a literatura vai ficando fora da realidade discente. Assim, para Scholes escrita e leitura estão totalmente vinculados.

Esta noção de que trabalhos populares não são dignos de estudos sérios é um dos mitos da literatura que precisamos rejeitar. Muitos trabalhos com a nova mídia e outros textos excluídos do campo da literatura são sérios e poderosos quando isto é estritamente definido. (SCHOLES, 2011, p. 11-12; nossa tradução)<sup>11</sup>.

Outro problema são os limitados tipos de texto trabalhados em aula. O trabalho estritamente com o cânone ao que estamos expostos hoje também cria um distanciamento entre escrita e leitura. Segundo ele a noção de literatura não abarca vários textos, por exemplo, textos produzidos em novas mídias e/ou que possuam linguagens hibridizadas dialogando e produzindo significado entre si, o que é próprio da nossa cultura.

Assim, o reconhecimento destes textos proporcionará um ensino mais próximo do mundo do aluno e mais acessível à produção de textualidades pelos alunos que se dá de uma forma mais próxima. Através deste estudo poderá ser percebida o quão frutífera pode ser a relação da literatura com as novas mídias no ambiente escolar, e quão urgente se faz estabelecer estes vínculos em nossa sociedade líquida.

## Referências

<sup>11</sup> Do original: “This notion that popular works cannot be worthy of serious study is one of the literary myths we need to reject. Many works in the new media, and other texts excluded from the realm of literature, when it is narrowly defined, are serious and powerful” (SCHOLES, 2011, p. 11-12)

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- KRESS, Gunther R. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. New York: Routledge, 2010.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura: Leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- MCLUHAN, Marshall. *Revolução na comunicação*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1971.
- MONOVICH, Lev. *The Language of New Media*. Cambridge: The MIT press, 2001.
- PRATS, Joan Ferrés i. *La educación como industria del deseo: Un nuevo estilo comunicativo*. Barcelona: Gedisa, 2008.
- REIS, Carlos. *O conhecimento da Literatura: Introdução aos estudos Literários -1*. Ed.- Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SANTAELLA, Lucia. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *Iniciação aos Estudos Literários*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SCHOLES, Robert. *English after the fall: From literature to textuality*. Iowa City: IOWA, 2011.
- URRESTI, Marcelo. *C juveniles: los jóvenes, sus prácticas y sus representaciones en la era de Internet-1 ed.-* Buenos Aires: La Crujia, 2008.
- WANDER, Denis. *Literature in the modern world: Critical essays and documents*. Malta: Oxford, 1990.

Submissão: julho de 2017

Aceite: 04 de abril de 2018